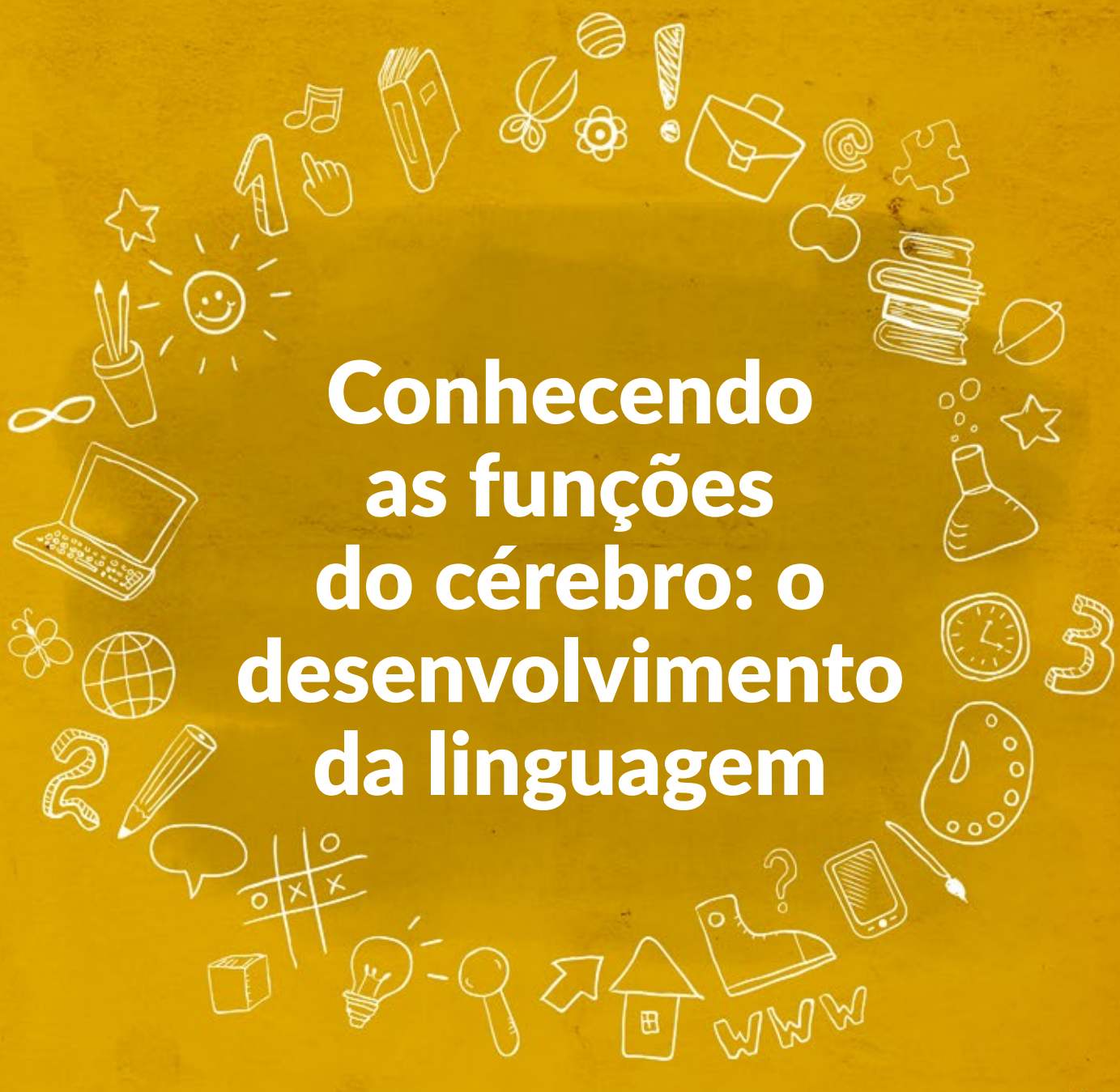


Projeto Pela Primeira Infância

Temas do Desenvolvimento Infantil



Conhecendo as funções do cérebro: o desenvolvimento da linguagem

Organizadores

Mônica C. Miranda
Carolina Toledo Piza
André Luiz de Sousa
Daniele Pereira de Souza
Carolina Nikaedo
Pompeia Villachan-Lyra
Orlando F. A. Bueno

Colaboradores

Emanuelle Chaves
Gabriela de Souza Lima Pereira
Juliana C. N. Ferreira
Maria Cristina A. C. R. Oliveira
Nelma Assis
Renata Pereira Garzi
Sílvia Maciel
Taís Ciboto
Tatiana Góes Freitas

Projeto Gráfico

Priscilla Ballarin

Diagramação

Flávio Della Torre

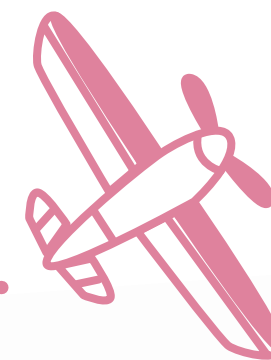
Ilustrações

Eliza Freire

Agradecimentos

Um especial agradecimento à Direção, Coordenação e Professores das Escolas: Centro de Educação Infantil - CEI Arrastão, EMEI do Lar Sírrio, EMEI São Paulo, CEI Nova Santana, que se prontificaram a receber a equipe de pesquisadores, auxiliando na primeira fase deste projeto em que foi possível levantar as necessidades formativas do professor de educação infantil.

Sumário



4

*A linguagem
e suas definições*

9

*O desenvolvimento da linguagem
nas crianças de 0 a 5 anos*

14

*A importância da estimulação e
do brincar para o desenvolvimento
da linguagem*

22

*Identificação precoce das
dificuldades de aprendizagem*

A linguagem e suas definições



Linguagem: um conceito bem amplo

Quando você pensa na palavra “linguagem”, o que lhe vem à mente? E quando pensa em “fala”? Qual é a relação existente entre estas duas palavras tão comuns no vocabulário dos profissionais que trabalham com o desenvolvimento infantil?

Conforme observado no quadro ao lado, em definições gerais, voltadas para o senso comum, o termo linguagem, muitas vezes, pode ser associado ou até restrito ao ato de falar. No entanto, para estudiosos e especialistas da área, fala e linguagem são conceitos distintos, embora intrinsecamente relacionados. Neste caso, a segunda definição do dicionário se aproxima mais do conceito que utilizaremos aqui, que é o de função cognitiva composta por diferentes linguagens, como por exemplo, a fala, a escrita, os gestos, a música, a dança, a pintura e os desenhos, a língua de sinais, as sinalizações gráficas (as placas de trânsito, por exemplo), cujo objetivo é o de transmitir ideias e sentimentos, portanto, realizar atos de comunicação.

Linguagem, segundo o dicionário Michaelis:

- 1 A faculdade de expressão audível e articulada do homem, produzida pela ação da língua e dos órgãos vocais adjacentes; fala.
- 2 O conjunto dos sinais falados, escritos ou gesticulados, de que se serve o homem para exprimir as suas ideias e os seus sentimentos.

A linguagem, para as neurociências:

É uma função cognitiva que permite combinar as palavras, os gestos, as expressões corporais e faciais, as imagens etc, a fim de produzir sentidos, transformar ideias e sentimentos e gerar a comunicação. É importante destacar, portanto, que a comunicação não é sinônimo de fala, mas vai além dela, sendo definida como um processo interrelacional que pode se estabelecer através de estratégias tanto verbais como não-verbais.

Não há dúvida quanto à importância desta habilidade para o desenvolvimento humano e da sociedade como um todo. É por meio dos registros da linguagem - sejam estes realizados por hieróglifos egípcios, que representam um sistema de escrita composto por desenhos, ou até a nossa comunicação virtual, via internet - que a nossa cultura se constitui, se desenvolve e se transforma, deixando armazenadas memórias vividas.

Nas próximas páginas, discutiremos mais a fundo a importância de compreender e de estimular essa habilidade desde os primeiros meses de vida da criança, e quais as suas implicações para a aprendizagem posterior. Começaremos por uma breve definição e pela caracterização dos diferentes tipos de linguagem.

A linguagem verbal e a não verbal

No dia a dia, as pessoas fazem uso da linguagem verbal e da não-verbal para se comunicar. A linguagem verbal, como o próprio termo já define, refere-se ao uso oral e escrito da comunicação. Todos os outros recursos, como as imagens, os desenhos, os símbolos, as músicas, o corpo, os gestos, o tom de voz etc, compõem a linguagem não verbal. Ambas são de extrema importância e se complementam para que possamos estabelecer uma boa comunicação entre quem se expressa e quem recebe a informação.

A principal forma de manifestação da linguagem não verbal, facilmente observada em todas as idades, é a linguagem corporal/gestual, que se refere a nossa capacidade de expressar e transmitir mensagens por meio de determinados movimentos do corpo.

Um claro exemplo disto é a dança. Esta atividade, além de estimular a coordenação mo-

tora e o equilíbrio, se constitui também como uma forma de comunicação, na medida em que transmite a terceiros, mensagens e sentimentos. Outro importante meio pelo qual conseguimos compreender uma pessoa é pelas expressões faciais ou também pelos gestos que ela realiza, como veremos adiante.

Quando nascemos, desde os primeiros meses de vida, estabelecemos formas rudimentares de comunicação, que vão se aprimorando com o tempo. Como no primeiro ano de vida os bebês ainda não desenvolveram a linguagem verbal, recorrem intensamente à linguagem não verbal para se comunicar. Neste período, os gestos, o choro, os gritos e os movimentos corporais são comportamentos extremamente importantes, pois expressam intenções, desejos e necessidades, dando pistas de alerta para os pais e cuidadores. Esses comportamentos e expressões do bebê são, pouco a pouco, interpretadas e nomeadas pelos adultos. Assim, a partir dos sentidos indicados pelas pessoas ao seu redor, a criança vai aprimorando a sua comunicação com o mundo. Observamos isto o tempo todo, quando, por exemplo, o bebê estica o braço em direção a algum objeto para solicitá-lo, faz um “biquinho” que é interpretado pela mãe como um pedido para mamar ou também acena um “tchau”, imitando um gesto que lhe fazem, como uma forma de se despedir dos outros ao partir.

As expressões faciais também são uma importante forma de comunicação com a criança. Esta, desde os seus primeiros anos de vida, já é sensível às mudanças das expressões faciais do adulto, por exemplo, nas situações em que percebe demonstrações de reprovação ou de desagrado a partir de uma expressão mais fechada, assim como de alegria e aprovação ao visualizar um grande sorriso no rosto. Portanto, os pais e os cui-



dadores têm um papel essencial ao ajudar a criança a nomear e a reconhecer estas diferentes linguagens.

O termo “verbal” tem origem no latim “verbale”, proveniente de “verbu”, que quer dizer palavra. A linguagem verbal é, portanto, aquela que utiliza palavras na comunicação, englobando as manifestações comunicativas a que estamos mais habituados em nosso dia a dia, expressas por meio da fala e da escrita.

O estudo da Neurociência também tem procurado se aprofundar cada vez mais no complexo paradigma da linguagem para compreender melhor o desenvolvimento da aprendizagem humana. Por exemplo, por meio dos recursos das novas tecnologias de imagem, como a ressonância magnética funcional, torna-se possível identificar o modo como o cérebro processa informações verbais, que vão desde a fonética (percepção e produção dos sons), passando pela leitura, até ao processamento do discurso (interpretação e sentido).

As descobertas trazidas por essas pesquisas são de grande valia e reforçam a im-

portância de conhecermos a linguagem nos seus vários domínios, além de trazerem contribuições para o entendimento de como ocorre o desenvolvimento de habilidades posteriores como a linguagem escrita (leitura e produção textual escrita). A linguagem é, portanto, uma das mais elaboradas funções cognitivas, conforme descrevia Vygotsky.

Já a fala pode ser definida como a forma como expressamos e transmitimos nossas ideias oralmente, por meio do uso dos sons produzidos pelos órgãos fonoarticulatórios.

Assim, a nossa comunicação, tal como as outras habilidades cognitivas, se aprimora ao longo de toda a nossa vida. Inicialmente usamos a linguagem não verbal até desenvolvermos a fala (no contato com outros falantes), e posteriormente, por intermédio da educação, aprendemos a linguagem escrita.

Para entendermos melhor como essa habilidade se manifesta, é muito importante compreendermos e diferenciarmos os seus domínios, conforme se descreve a seguir.

Os domínios da linguagem

1
PRAGMÁTICO

Refere-se ao SENTIDO da fala, portanto, à função comunicativa (ação compartilhada com o outro). É o uso da linguagem no contexto social, isto é, como usamos as palavras e em que contexto. Por exemplo, em crianças pequenas podemos observar se demonstram intenção comunicativa, se iniciam e mantêm diálogo e se usam os brinquedos para simbolizar situações de vida diária (jogo simbólico).

2
SEMÂNTICO

Refere-se aos aspectos que estão relacionados ao CONTEÚDO, aos significados das palavras, tanto individuais como em combinação, como nas frases. Eles envolvem o vocabulário (por exemplo, saber o nome das coisas), a definição das palavras e dos objetos, as relações entre elas e a habilidade de categorização, como, por exemplo, separar nomes de frutas e de móveis.

3
SINTÁTICO

Refere-se à ESTRUTURA das frases, ou seja, às regras utilizadas para combinar as palavras em frases gramaticalmente aceitáveis (por exemplo, regras da língua portuguesa). O conhecimento gramatical ajuda na compreensão, além de antecipar as palavras ou as ideias que virão, como, por exemplo, quando alguém diz “estudamos muito, porém...”, é uma antecipação de que algo aconteceu.

4
MORFOLÓGICO

Refere-se ao MORFEMA, que é a menor unidade da palavra com significado, ou seja, a combinação dos sons em unidades de significado. Quando, por exemplo, usamos o termo “incompleto”, o prefixo “in” dá sentido negativo à palavra, explicitando que ainda não está completo. Outro exemplo é a utilização do sufixo “a” / “o”, que normalmente indica o gênero (feminino e masculino). Os morfemas, portanto, incluem palavras, afixos, prefixos e sufixos, tempos verbais e o singular e o plural.

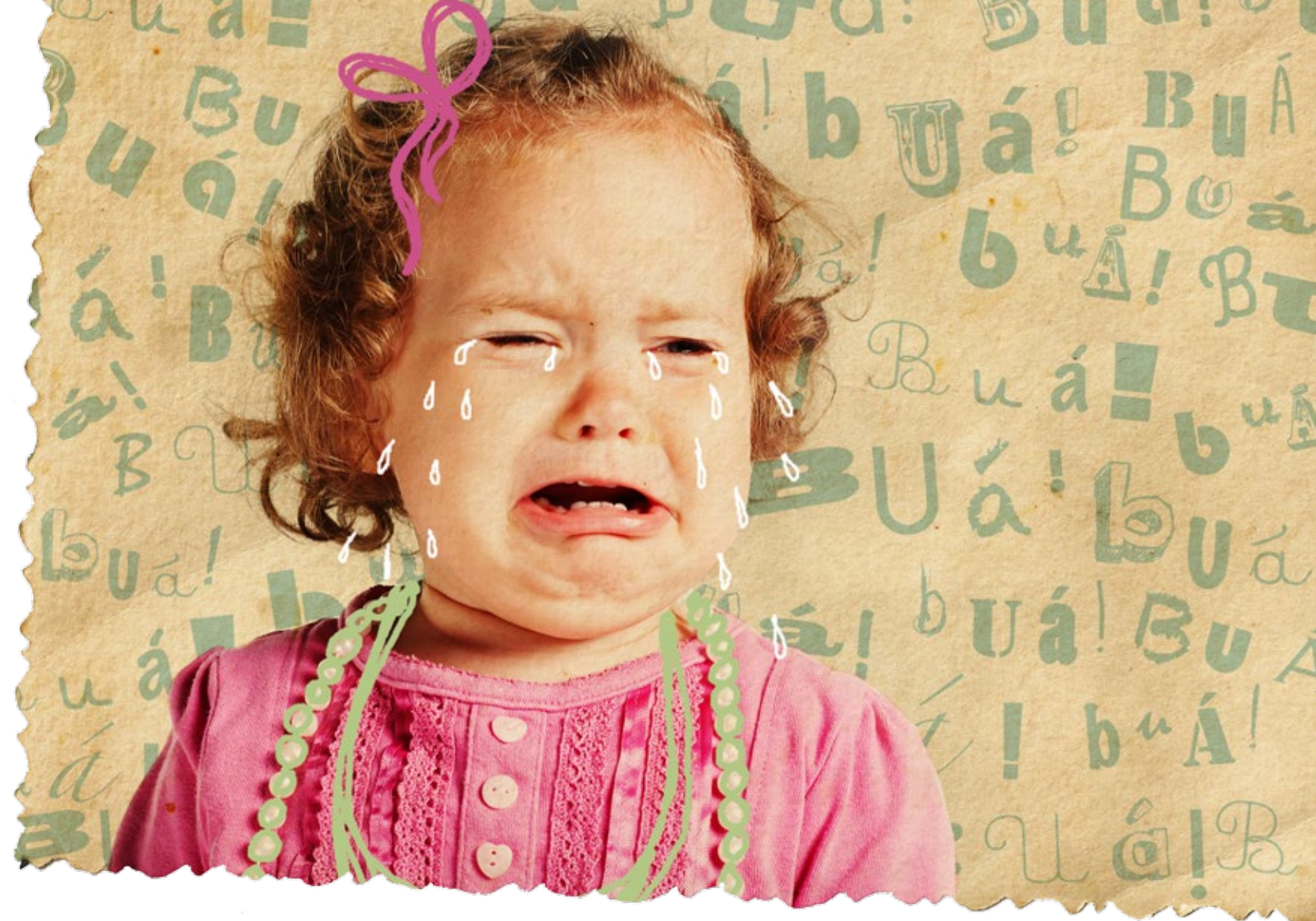
5
PROSÓDICO

Refere-se aos ASPECTOS NÃO VERBAIS da linguagem oral, como as diferenças de entonação, a velocidade da fala, a frequência e a intensidade da voz. Por exemplo, a frase “bonito, não?!” dependendo da entonação do falante, pode representar uma fala de exclamação positiva, de dúvida ou, ainda, de ironia/reprovação. A prosódia também desempenha importante papel no significado da fala no caso do duplo-sentido ou da piada.

6
FONOLÓGICO

É também de extrema importância, já que se refere à íntima relação entre a linguagem oral e a escrita. A Fonologia se refere aos sons de uma língua, denominados de fonema. A habilidade fonológica envolve a percepção, a discriminação e a representação dos fonemas (por exemplo, as palavras pato e mato, quando faladas, são diferenciadas pelos fonemas /p/ e /m/). Refere-se ainda à utilização do inventário desses sons e às regras para combiná-los em unidades significativas, o que difere nas diferentes línguas, como no inglês e no português. O termo Consciência Fonológica é a habilidade para refletir, examinar e manipular os sons e envolve diversos níveis (frases, palavras, sílabas e fonemas) e as tarefas dentro de cada um deles (por exemplo, a segmentação, a adição e a subtração). A consciência fonológica é um aspecto que se relaciona fortemente com o processo de aquisição da leitura e da escrita.

Como estamos trabalhando com a criança pré-escolar, que está no período de pré-alfabetização, nas páginas a seguir daremos ênfase maior aos aspectos da linguagem que são mais importantes para essa fase do desenvolvimento.



O desenvolvimento da linguagem nas crianças de 0 a 5 anos

Os estudos sobre o desenvolvimento da linguagem mostram que as crianças, nas 8 primeiras semanas de vida, apresentam choro reflexo e sons vegetativos. Dos 2 aos 6 meses, elas começam imitando casualmente os sons que ouvem e, por meio da ecolalia (repetir, ecoar), iniciam a pronúncia dos sons vocálicos isolados. Esses sons são chamados de balbucios e apresentam variação na intensidade da voz, dependendo da situação. É comum observar que, com o passar do tempo, o bebê começa a sorrir quando alguém fala com ele, demonstrando que está atento ao falante.

Dos 6 aos 8 meses, os bebês passam a produzir balbucios mais complexos, com sons de consoantes e vogais. Por exemplo, a criança repete várias vezes sons como “da – da – da” ou “ma – ma – ma – ma”. Nesta fase, comportamentos como ausência ou interrupção do balbucio ou de resposta a sons e chamados, podem ser indicativos de uma deficiência auditiva.

Por volta dos 10 meses, os bebês imitam deliberadamente os sons que ouvem, deixando clara a importância da estimulação de pes-

soas próximas para o desenvolvimento da linguagem. Ao final do primeiro ano, o bebê já estabelece alguma noção de comunicação, de forma que é capaz de criar uma ideia de referência e um conjunto de sinais dos quais faz uso para se comunicar com pessoas próximas, que cuidam dele.

Dos 12 aos 18 meses, a criança verbaliza as primeiras palavras inteligíveis, e acumula um vocabulário de 20 a 50 palavras. Dos 18 aos 24 meses, ela é capaz de usar algumas palavras-frases (por exemplo, diz “água”, quando quer dizer “eu quero água”) e consegue formar frases de duas ou três palavras, iniciando seu desenvolvimento sintático. Seu vocabulário se expande e agora conta com uma média de 200 a 300 palavras.

Dos 24 aos 36 meses, a criança forma frases combinando três a cinco palavras e começa a fazer o uso de plural. Dos 36 aos 48 meses, há melhor uso da sintaxe e o vocabulário

atinge uma quantidade média de 1.500 palavras. Nesta fase, a criança já usa corretamente 90% dos conceitos gramaticais.

Aos cinco anos, espera-se que a criança já possua um repertório de 6.000 a 10.000 palavras e que já tenha adquirido o domínio de quase todos os aspectos da linguagem. Entretanto, embora tenha um vocabulário amplo, a criança nesta fase ainda precisa aperfeiçoar as habilidades pragmáticas, como por exemplo, de compreensão de expressões idiomáticas e de duplo sentido, para se tornar um comunicador efetivo. Por volta dos cinco anos e meio/seis anos, é esperado que ela reproduza corretamente todos os sons da fala.

Embora a aquisição da linguagem e da comunicação se desenvolva segundo essas etapas constantes, o ritmo de progressão pode divergir de caso para caso, podendo-se esperar, de acordo com a criança, uma variação de até seis meses.



As principais fases

O quadro a seguir sintetiza as principais fases de aquisição da linguagem descritas anteriormente. Preste bastante atenção a ele!

FAIXA ETÁRIA	AQUISIÇÕES LINGÜÍSTICAS
0 A 6 MESES	Sons vocálicos isolados; aquieta-se ao som da voz; assusta-se; choro diferenciado; sorriso reflexo.
6 A 8 MESES	Balbucios com estrutura silábica; imita gestos e o tom do adulto; reconhece algumas palavras; expressa satisfação, insatisfação e excitação nas vocalizações.
8 A 12 MESES	Entende “não” e “tchau”; compreende pedidos simples com dicas através de gestos; imita sons; aponta com o dedo para o quer; começa a dizer as primeiras palavras “mamã”, “papá”.
12 A 18 MESES	Compreende palavras familiares e ordens simples; vocabulário de 30 a 40 palavras; uso de brincadeira simbólica; aponta para roupa, objetos, animais e pessoas.
18 A 24 MESES	Palavras-frases e combinação de 2 ou 3 palavras “dá têtê”; vocalização enquanto brinca; vocabulário de cerca de 150 (18 meses) e 200-300 (2 anos) palavras; presta atenção em histórias simples e curtas; identifica objetos pelo uso e som.
3 ANOS	Uso de frases combinando 3 a 5 palavras e plurais (linguagem telegráfica); discrimina sons e ruídos diferentes; vocabulário com 900-1000 (3 anos) palavras; pergunta “o quê”, “quem”.
4 ANOS	Inicia o uso de artigos, plurais, verbos auxiliares e preposições; conhece cores; vocabulário entre 1500 a 1600 palavras; frase cada vez mais complexa.
5 ANOS	Aquisição dos fonemas /r, l/ em posição de encontro consonantal (de “prato” e “planta”); vocabulário de 6000 a 10000 palavras; formula frases corretas; faz perguntas; usa a negação; fala de coisas do passado e antecipa desejos futuros; conhece conceitos abstratos; linguagem para narrar/descrever procedimentos.

Deve-se levar sempre em consideração que cada criança é uma pessoa com desenvolvimento singular, e que fatores ambientais e biológicos podem influenciar na manifestação das habilidades descritas acima.

Fonte: Elaborado pelas autoras.



Os sinais de alerta e intervenção

Aneja (1999) indica alguns sinais de alerta para identificar alterações na linguagem da criança como, por exemplo, nenhuma palavra emitida até os 18 meses; a não colocação de duas palavras juntas e ausência do desempenho imitativo e simbólico aos 2 anos; a não formação de frases e um discurso incompreensível aos 3 anos. Além disso, estudos anteriores mostraram que quando o balbuciar, normalmente produzido por volta dos 10 meses de idade está atrasado, pode ser sugestivo de alterações na fala e/ou na linguagem. É preciso observar atentamente ainda comportamentos como responder a sons verbais e não verbais, mostrar objetos para o adulto e chamar a atenção do outro, esperados por volta dos 18 meses e apontar partes do corpo, com aproximadamente 24 meses. A ausência destas ações também pode ser indicativa de que algo não vai bem com a linguagem da criança. Contudo, deve-se analisar o contexto com cuidado.

Também é preciso ficar atento, pois por volta dos três anos, a criança já deve ser capaz de se expressar oralmente, embora um leve atraso nesta idade não seja incomum. O atraso na linguagem e/ou fala pode ocorrer três vezes mais nos meninos do que nas meninas. Segundo os estudos, as áreas cerebrais responsáveis pelo desenvolvimento da linguagem têm um ciclo maturacional mais precoce nas meninas do que nos meninos.

A criança é considerada com um atraso na fala quando não cumpre os marcos descritos anteriormente, apresentando um desenvolvimento abaixo do esperado, quando comparada a um grupo da mesma faixa etária e do mesmo sexo. No entanto, sabemos que a criança normalmente pode apresentar pequenas variações no seu desenvolvimento, podendo isto constituir apenas uma variação do normal. O importante é estarmos aten-

tos aos marcos do desenvolvimento e nos casos de dúvidas, sugerimos uma investigação mais aprofundada com um especialista, como o neurologista e o fonoaudiólogo.

Caso seja identificada, de fato, alguma alteração, o primeiro passo é tentar compreender qual a natureza da dificuldade, para que, em seguida, possa ser iniciada uma intervenção precoce com a participação ativa da escola e da família. Esta vem se mostrando uma boa ação a ser tomada, uma vez que estudos baseados nas neurociências e no desenvolvimento demonstram que, quanto mais cedo a intervenção for realizada, melhores serão os resultados posteriores.

Os pesquisadores da área também destacam que a estimulação precoce da linguagem pode trazer ganhos, prevenindo dificuldades posteriores no processo de alfabetização, assim como no surgimento de transtornos de aprendizagem como a dislexia.

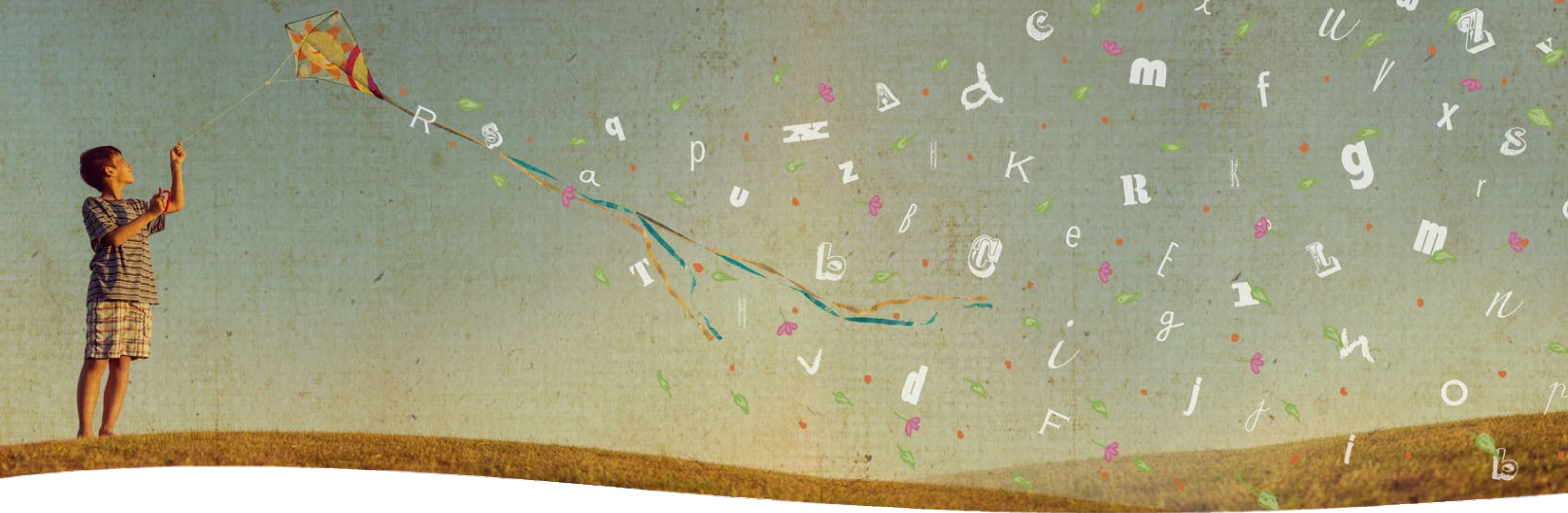
Como já foi destacado, a avaliação com o fonoaudiólogo nos ajuda a compreender me-

lhor quais são as áreas da linguagem nas quais a criança tem maior defasagem e, consequentemente, quais as prioridades do plano de intervenção pela equipe de profissionais (de saúde e educação) que atuam com a criança. Por exemplo, algumas crianças podem necessitar de terapia e de estratégias voltadas para a motricidade orofacial, decorrentes de distúrbios da alimentação, da respiração e da mobilidade de órgãos fonoarticulatórios (lábios, língua, dentes, bochechas). Outras podem precisar de uma maior estimulação na produção da fala, podendo o enfoque estar centrado na expressão e/ou recepção de linguagem ou, também nos desvios fonológicos. Em ambos os casos, a atuação integrada do clínico com a escola trará melhores resultados para o desenvolvimento da criança.

Mais tarde, durante a fase de alfabetização, também pode se fazer necessário um acompanhamento com diferentes especialistas (por exemplo, fonoaudiólogo, psicopedagogo) voltado para a linguagem escrita, como observamos no caso das dificuldades de aprendizagem da leitura e da escrita.

Atenção!

Dificuldades na fala não necessariamente significam alterações de linguagem! Uma criança pode apresentar uma fala de difícil compreensão por parte do ouvinte, mas construir narrativas e manter diálogos contextualizados.



A importância da estimulação e do brincar para o desenvolvimento da linguagem

Quando a criança se manifesta com gritos ou gestos, ela tem uma sensação, uma dor, expressa uma alegria, ou alguma intenção. Para que a linguagem oral se desenvolva, cabe ao educador interpretar os sinais comunicativos dos gestos e balbucios da criança, dando sentido a eles e promovendo a sua interação no grupo. Estas situações podem ser propiciadas por meio de diversas atividades lúdicas, conforme descreveremos nas próximas páginas.

Todas as atividades de estimulação da linguagem devem ser introduzidas de forma siste-

mática e repetitiva, porém isto não impede que estas sejam realizadas de maneira lúdica, por meio de jogos e de brincadeiras, para que a criança sinta prazer ao realizá-las. Nas creches e escolas de educação infantil, o incentivo deve ser voltado para a linguagem oral, visando estimular a linguagem receptiva (compreensão) e a expressiva (fala). Isto deve ser feito por meio de atividades que desenvolvam os domínios da linguagem que vimos acima.

Por exemplo, podem-se criar momentos em que os novos vocabulários são introduzidos,

trabalhando-se os aspectos semânticos. Isso pode ser feito por meio de brincadeiras com objetos concretos, como o brincar com panelinhas, carrinhos, animais em miniatura, em que a criança associa o objeto a sua função no contexto da brincadeira. A leitura/reconto de histórias infantis também é uma maneira de estimular os diversos aspectos da compreensão oral. Com a introdução das parlendas (canções infantis de pequenos versos, palavras ou expressões) e dos jogos de rimas, estimulamos a criança a começar a discriminar os sons (habilidades fonológi-

cas). Com os mais velhos pode-se trabalhar de forma mais intensa com a expressão/produção da fala, considerando as habilidades citadas acima, bem como outras mais refinadas (por exemplo, a sintaxe). Também podem ser introduzidos jogos com letras móveis e desenhos. O essencial é que desde cedo encontremos meios para estimular a criança a ter vontade de ler e conhecer a sua história. Obrigá-la a ler nesta fase, não é o melhor caminho. Abaixo veremos mais algumas sugestões, que diversos estudiosos têm listado nas suas publicações.

Estratégias de intervenção de linguagem para creches e escolas de educação infantil (para crianças de até 3 anos)



1

RODA DE CONVERSA.

Segundo Scarpa, em entrevista ao portal Educar para Crescer (2008), “o burburinho das das conversas entre os pequenos, falando sozinhos ou com os outros, é riquíssimo”. A autora ainda refere que as rodas de conversa, feitas diariamente, são uma oportunidade para praticar a fala, comentar as preferências próprias e trocar informações sobre a família. Nesta situação, há a interação com os colegas e aprende-se a escutar, a discutir regras e a argumentar. Quanto menor for a faixa etária do grupo, mais necessária será a interferência do educador como propositor e dinamizador dos diálogos.

2

CANTAR CANTIGAS DE RODA.

A criança, ao cantar, desenvolve a atenção e a memorização, além de ampliar o seu vocabulário e melhorar a pronúncia.

3

FALAR AS PALAVRAS CORRETAMENTE.

A criança imita tudo. Logo, o jeito de falar também. A pronúncia correta é essencial para o seu aprendizado.

4

FALAR DE FORMA NATURAL.

Infantilizar ou afinar a voz e usar só os diminutivos não é recomendável. O ideal é que a criança se sinta inserida naturalmente nas conversas não só dos adultos, mas das crianças mais velhas também.

5

PERMITIR A VISUALIZAÇÃO DA BOCA AO FALAR.

Olhar para a criança enquanto fala, para que ela perceba a movimentação natural da boca, é importante para o seu aprendizado.

6

A AJUDA DAS CRIANÇAS MAIS VELHAS É BEM-VINDA.

As crianças menores podem ter, das crianças mais velhas, boas referências para o seu aprendizado da fala. E, ao mesmo tempo, as mais velhas vão se sentir valorizadas ao contribuir com a aprendizagem dos pequenos. A interação entre crianças de diferentes faixas etárias é um importante estímulo ao desenvolvimento de todas elas.

7

NADA DE ACOMODAÇÃO.

Deixe que a criança se esforce para pedir alguma coisa, seja por palavras ou apontando o que quer. Facilitar tudo, antecipar a fala ou oferecer algo antes que ela peça, leva a uma acomodação prejudicial para o seu desenvolvimento.

8

BRINCAR SEMPRE E OTIMIZAR A ROTINA.

A brincadeira é um importante espaço de desenvolvimento, não só da fala. Aproveitá-la para explorar a linguagem é muito importante, assim como também é importante, nas situações cotidianas, descrever o que está acontecendo na troca de roupa, na hora do banho, durante a escovação dos dentes e na alimentação, para que a criança se aproprie de cada ação e dos objetos usados por ela. Nada de transformar o aprendizado da criança em algo mecânico! Se a criança está se divertindo e fazendo determinada atividade com prazer, ela aprende muito mais. Se ela se mostrou interessada por um livro, em vez de forçar a leitura de um outro, ajude-a a explorá-lo. Ela quer repetir a mesma brincadeira mais de uma vez? É sinal de que está aprendendo. Quando ela não quiser mais, é porque, naquele momento, foi o suficiente.

9

TER CUIDADO COM O TOM DE VOZ.

Ao falar com a criança, coloque sentimento nas palavras. Por exemplo, se a criança fez um desenho, olhe para ela e diga-lhe com alegria: “nossa, que desenho bonito você fez!”. Por outro lado, quando ela fizer algo que mereça repreensão, deixe isto claro no seu tom de voz, sem gritar ou elevá-la, mas mostrando firmeza. Assim, você ajudará a criança a decodificar as suas emoções.





10

CANTAR.

Cantar é essencial, uma vez que a sonorização, a rima e o canto em si, transformam as falas em brincadeiras, ajudando o desenvolvimento da prosódia, do vocabulário e o reconhecimento dos sons da fala. Os refrões são importantes nas músicas porque pela repetição, você consegue prender a atenção da criança e, quanto maior a variedade de estilos musicais, de boa qualidade, for apresentada à criança, melhor será para o desenvolvimento de questões como ritmo, harmonia, ou conhecimento estético. É importante que o educador faça boas escolhas para apresentar às crianças: música erudita e popular, músicas infantis, MPB, rock, e samba. Para isso, é importante que o educador procure também desenvolver sua própria formação musical.

11

LER HISTÓRIAS E POESIAS.

Da mesma maneira que na escolha das músicas, o educador deve se familiarizar com a boa literatura infantil, que pode trabalhar a criatividade, a imaginação, a ampliação de vocabulário e promover leituras de qualidade para as crianças. Os poemas, assim como as músicas, têm um ritmo e uma sonoridade bem acentuados. Comece com os textos de rimas diretas e, aos poucos, vá sofisticando. No entanto, lembre-se de que a leitura não pode ser mecânica e, assim como a conversa, precisa passar emoção. Além disso, é preciso aprender a contar histórias. A formação constante do educador é fundamental e o conhecimento de técnicas de contação de história poderá ajudá-lo a melhorar a qualidade desta sua atividade cotidiana.

12

USAR SINÔNIMOS.

Na hora de nomear um objeto, procure indicar as várias formas de fazê-lo. A criança aos poucos, vai enriquecendo o seu vocabulário.

13

UTILIZAR ESTRATÉGIAS CENTRADAS NA CRIANÇA.

Por exemplo, seguir a criança ou agachar-se para ficar no nível dela.

14

PROMOVER A INTERAÇÃO.

Por exemplo, encorajar a criança a alternar turnos em uma conversa, fazer-lhe perguntas e esperar pelas respostas.

15

OFERECER MODELOS DE LINGUAGEM.

Por exemplo, nomear, expandir enunciados e ampliar tópicos.

Estratégias de intervenção de linguagem para escolas de educação infantil

(para crianças entre 3 e 6 anos)

1

ATIVIDADES QUE FAVORECEM A ALFABETIZAÇÃO NA HORA CERTA.

Estimular a criança com atividades lúdicas e artísticas, como desenhar, fazer formas geométricas simples, zigue-zague, ondas, bem como tocar instrumentos, dará a ela uma base mais sólida para que seja mais bem alfabetizada no momento certo. Mas você já se perguntou no seu dia-a-dia na sala de aula, sobre como isto é possível? A importância destas atividades se dá especialmente pelo desenvolvimento das praxias (como vimos na apostila de Desenvolvimento Motor), da organização espacial e das habilidades fundamentais para o desenvolvimento da escrita. Já tocar instrumentos auxiliará no desenvolvimento da memória fonológica e no reconhecimento do ritmo, importantes para os domínios fonológicos e prosódicos da linguagem.

2

RODAS DE CONVERSA.

Assim como com as crianças pequenas, recomenda-se esta atividade também para a faixa etária dos 3 aos 6 anos, como forma de estimulação dos diversos domínios linguísticos, especialmente o relativo à sintaxe.

Ao solicitar que a criança conte como foi o seu final de semana, por exemplo, é possível observar a qualidade da estrutura sintática do discurso dela, estimulando o uso adequado dos conectivos, das preposições, das conjunções e dos advérbios, seja por meio da apresentação do modelo adequado do professor, seja pelo compartilhamento com os próprios colegas. Afinal, para desenvolver a oralidade, não basta formar um conjunto de palavras e verbalizá-lo, é preciso que este conjunto de palavras faça sentido.

Como a criança dos 4 aos 5 anos já costuma apresentar um maior uso da sintaxe, a linguagem compreensiva e expressiva não se desenvolve com perguntas em que ela possa ter como resposta somente: "eu", "meu", "seu". Por isso, solicite à criança que conte o que lhe aconteceu, o que realizou em um momento passado próximo; faça-lhe perguntas que envolvam os conceitos de "onde" e "porque" referentes à sua realidade; aperfeiçoe o uso dos plurais e aceite que ela relate fatos imaginários. Afinal, a presença da fantasia nesta fase também é parte natural do seu desenvolvimento cognitivo.

3

OS ESTÍMULOS NA INFÂNCIA PROMOVEM O MAIOR DESENVOLVIMENTO DO CÉREBRO.

As atividades artísticas feitas na infância dão base para o cérebro aprender outras habilidades, estimulando a imaginação e a criatividade, o que faz toda a diferença na alfabetização da criança.

4

PARA O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM COMPREENSIVA E EXPRESSIVA.

Diversas ações irão estimular principalmente os domínios semânticos e sintáticos da linguagem da criança. Dentre elas podemos destacar:

- Perguntar à criança o que fazer ao enfrentar situações sociais cotidianas, de um modo geral;
- Ajudá-la a organizar de maneira adequada o seu relato espontâneo;
- Estimular o uso de frases complexas com mais de uma oração;
- Fazer com que ela atribua qualidade às pessoas, aos animais e aos objetos;
- Iniciá-la no uso adequado dos tempos dos verbos.

5

MÚSICA É A ATIVIDADE ARTÍSTICA MAIS COMPLETA.

Pode ser utilizado um instrumento, palmas para marcar o ritmo, o canto ou uma dança. Todo o estímulo que vem com o aprendizado musical é mais completo do que ler e escrever, porque é o que mais ativa as redes neuronais do cérebro. A criança que começa a estudar música antes dos sete anos tem maiores possibilidades de que os dois lados do cérebro se comuniquem melhor, desenvolvendo a atividade do pensamento. Além disto, a música exercita a concentração e a criatividade e envolve habilidades motoras e visuais. O canto também favorece o desenvolvimento do vocabulário e o melhor domínio da gramática.

6

UTILIZAÇÃO DE POESIAS.

O contato estabelecido pela criança com o material poético pode ocorrer desde cedo. Por exemplo, por meio da leitura de material literário, ela pode se relacionar com a musicalidade dos poemas, que podem ser lidos de modo ritmado, como uma canção. Também aproximamos os pequenos de momentos poéticos quando, por exemplo, brincamos de rimar com os elementos do cotidiano. O primeiro passo é definir o que vai ser lido. As escolhas, entre outras coisas, têm de despertar a curiosidade da criança pela sonoridade e identificação com o tema.

Além disto, trabalhar com a poesia estimula os domínios da linguagem, mencionados anteriormente, como o aumento do vocabulário (semântica), a prosódia, por meio da entonação ao ler em voz alta e a fonologia, pela utilização e repetição de rimas.

Outro ponto importante é a dedicação aos textos antes de apresentá-los ao grupo. Leia o material várias vezes para compreender o tema, ensaiando a leitura em voz alta para conferir ritmo e entonação. Isto contribui para você ser encarado como um bom modelo de declamador.

Para desenvolver a oralidade, também vale usar as adivinhas, como “o que é, o que é, quanto mais curto for, mais rápido é?” (o tempo). Breves e simples, são de fácil memorização. As parlendas, como “amanhã é domingo, pede cachimbo...”, costumam apresentar frases na ordem direta, o que também facilita a repetição. Já os trava-línguas são interessantes por serem complicados. A criança não resiste ao desafio de dizer corretamente, por exemplo, “o rato roeu a roupa do rei de Roma”. À medida que ela vai acertando, podemos acelerar o ritmo da pronúncia.

7

DESENVOLVER OS ASPECTOS MORFOLÓGICOS DA LINGUAGEM ORAL.

Utilizar atividades como “palavras em rede”, em que a criança precisa formar novas palavras a partir da apresentação de um radical como, por exemplo, “mento” -> pagamento, carregamento, atropelamento etc e “jogo com prefixos”, em que o professor elabora uma lista de palavras, para que as crianças juntem um prefixo (“des”, “in”, etc.), formando, assim, novas palavras como, por exemplo, construir - desconstruir - reconstruir.

8

NARRAÇÃO DE HISTÓRIAS.

Pedir à criança que recontre uma história que conheça e que tenha diálogos e, depois, que ela dramatize essas falas dos personagens. Solicitar que narre uma história a partir de uma imagem é uma atividade excelente, tanto para o desenvolvimento da linguagem oral expressiva, quanto da semântica, da sintaxe e da criatividade. Em um nível mais complexo de dificuldade, recomendado especialmente para a criança que já tenha completado cinco anos, escolher duas histórias diferentes e pedir para que estas sejam contadas como se fossem uma só.

9

ESTIMULAÇÃO DE CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA.

Os programas de intervenção para o desenvolvimento da consciência fonológica são fundamentais e devem ser implementados precocemente, tal como sugerem Capovilla e Capovilla (2004).

O treino desta habilidade pode ser divertido e deve ser apropriado à faixa etária em que a criança se encontra. Deve iniciar-se por um nível mais fácil, por exemplo, pela exploração de rimas e da segmentação de palavras. Os poemas, os trava-línguas, as músicas, os jogos de adivinhações, os ditados populares, as histórias, os jogos de escuta e de linguagem também são exemplos de atividades facilitadoras para o desenvolvimento da consciência fonológica no período pré-escolar.



Sinais preditivos para a identificação precoce de dificuldades de aprendizagem

Ao se estudar as alterações no processo de aprendizagem da linguagem oral, pode-se constatar a ocorrência de posteriores dificuldades na aprendizagem da leitura e da escrita, embora isto não seja sempre uma regra! De qualquer modo, ao se investigar os fatores que antecedem as dificuldades de leitura e escrita, surgem questionamentos a respeito das dificuldades no desenvolvimento da linguagem. Ressalta-se que, entre as alterações da linguagem oral existentes na infância, são as dificuldades fonológicas que podem ocasionar maiores prejuízos no aprendizado posterior da leitura e da escrita. Deve-se consultar sempre um especialista, como o fonoaudiólogo, o psicólogo ou o psicopedagogo.

De acordo com os pesquisadores do tema no Brasil, nas séries iniciais de alfabetização cerca de 40% das crianças apresentam dificuldades escolares, sendo que, nos países mais desenvolvidos, a porcentagem cai para 20% em relação ao número total de crianças nas mesmas séries. Também segundo esses autores, sabe-se que, se um aluno

com dificuldades de aprendizagem for bem conduzido pelos profissionais da saúde e da educação, em conjunto com a família, poderá obter êxito nos seus resultados escolares.

É importante ressaltar ainda que existe uma combinação de fenômenos biológicos e ambientais no aprendizado da linguagem escrita, que envolvem as integridades motora, sensorio-perceptual e emocional (possibilidades reais que o meio oferece em termos de quantidade, qualidade e frequência de estímulos). Além disso, o domínio da linguagem e a capacidade de simbolização também são princípios importantes no desenvolvimento do aprendizado da leitura e da escrita.

É muito importante ressaltar que existem condições persistentes que acometem os processos de leitura e escrita da criança, os quais só são observados mais tarde no ensino fundamental. Portanto, a preocupação, neste momento, é oferecer uma atenção preventiva às nossas crianças. Os sinais destacados a seguir irão auxiliar na tarefa da identificação precoce.



Importante

É preciso ter especial atenção com a criança que gosta de conversar, é curiosa, entende e fala bem, mas aparenta desinteresse para ler e para escrever.

Sabe-se que as causas das alterações de linguagem e das dificuldades de aprendizagem podem ser variadas, apesar de existirem muitos estudos indicando fatores neurológicos para tais problemas. Os avanços na compreensão da neurobiologia dos processos de desenvolvimento da linguagem e a relação destes com a aprendizagem certamente têm contribuído para uma melhoria da qualidade de vida dessa criança.

Considerações finais

Alguns fatores são determinantes para o desenvolvimento da linguagem. A criança precisa ter uma razão para se comunicar, ou seja, uma intenção. Há necessidade de conteúdo e de um outro para se comunicar. Situações favoráveis de comunicação e interação são muito importantes, além de boa capacidade cognitiva.

Com este material, esperamos ter demonstrado como esse desenvolvimento ocorre e o importante papel do professor da educação infantil na estimulação desse processo.

Referências bibliográficas

ANEJA, S. Evaluation of a child with communication disorder. **Indian Pediatr.**, v 36, n 9, p. 891- 900, 1999.

ARAÚJO, P. A Linguagem do Corpo. **Revista Nova Escola**. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/arte/pratica-pedagogica/linguagem-corpo-429693.shtml>

CAPOVILLA, A. G. S.; GÜTSCHOW, C. R. D.; CAPOVILLA, F. C. Habilidades cognitivas que predizem competência de leitura e escrita. **Psicologia: Teoria e Prática**, v 6, n 2, p. 13-26, 2004.

ESTILL, C. A. Dislexia, as muitas faces de um problema de linguagem. Disponível em: http://www.andislexia.org.br/hdl12_1.asp

GIROLAMETTO, L. Serviços e Programas de apoio ao desenvolvimento da linguagem de crianças pequenas. In: **Enciclopédia sobre o Desenvolvimento na Primeira Infância**, 2004. Disponível em: <http://www.encyclopedia-crianca.com/sites/default/files/textes-experts/pt-pt/2462/servicos-e- programas-de- apoio-ao- desenvolvimento-da- linguagem-de- criancas-pequenas.pdf>

MONROE, C. Linguagem Oral com Poesias. **Revista Nova Escola**. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/educacao-infantil/4-a-6-anos/linguagem-oral-poesias-oralidade- poemas-567791.shtml>

NAVAS, A. L. Neurodesenvolvimento e Linguagem. In: MELLO, C. B., MIRANDA, M. C., MUSZKAT, M. **Neuropsicologia do Desenvolvimento**: conceitos e abordagens. São Paulo : Memnon, 2006.

OLIVEIRA, A. M. R. de O. H. de. As Neurociências a serviço da linguagem. **LINGVARVM ARENA** – v.4, p. 39 – 63, 2013.

RVACHEW, S. Desenvolvimento da linguagem e alfabetização. In: **Enciclopédia sobre o Desenvolvimento na Primeira Infância**, 2011. Disponível em: <http://www.encyclopedia-crianca.com/desenvolvimento-da-linguagem-e-alfabetizacao>

SANTOMAURO, B.; ANDRADE, L. O que não pode faltar na creche. **Educar para Crescer**. Disponível em: <http://educarparacrescer.abril.com.br/gestao-escolar/nao-pode-faltar-creche-400594.shtml>

SCHIRMER, C. R.; FONTOURA, D. R.; NUNES, M. L. Distúrbios da aquisição da linguagem e da aprendizagem. **Jornal de Pediatria**, v. 80, n 2(supl), 2004.

VITTO, M. M. P. de; FERES, M. C. L. C. Distúrbios da Comunicação Oral em Crianças. **Medicina**, Ribeirão Preto, v. 38, n 3/4., p. 229-234, 2005.

VYGOTSKY, L.S. **A Construção do Pensamento e da Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Links Úteis

Aprender Linguagem: <http://aprenderlinguagem.org.br/>

Educar para Crescer: <http://educarparacrescer.abril.com.br/>

FMCSV (Fundação Maria Cecília Souto Vidigal): <http://www.fmcsv.org.br/>

Revista Nova Escola: <http://revistaescola.abril.com.br/>

Instituto ABCD: <http://www.institutoabcd.org.br>

Conselho Federal de Fonoaudiologia: <http://www.fonoaudiologia.org.br/cffa/>

ABD (Associação Brasileira de Dislexia): <http://www.dislexia.org.br/>

AND (Associação Nacional de Dislexia): <http://www.andislexia.org.br/>



Sobre nós

Este material é resultado do projeto “Desenvolvimento de um Programa de Formação em Desenvolvimento Cognitivo para Profissionais da Educação Infantil: o modelo de Resposta à Intervenção”, iniciado em 2013, com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), da Fundação Maria Cecília Souto Vidigal (FMCSV) e da Associação Fundo de Incentivo à Pesquisa, e desenvolvido na Universidade Federal de São Paulo, sob responsabilidade dos pesquisadores Prof. Dra. Mônica C. Miranda, Prof. Dr. Orlando F. A. Bueno e equipe.

Em 2015, a equipe do **Instituto ABCD** – sob coordenação de Carolina ToledoPiza (MSc.) – e do **NINAPI** (Núcleo de Investigação em Neuropsicologia, Afetividade, Aprendizagem e Primeira Infância, da Universidade Federal Rural de Pernambuco) – sob coordenação da Prof. Dra. Pompéia Villachan-Lyra e participação das pesquisadoras Ana Cleide Jucá (MSc.), Emmanuelle Chaves (Dra.) e Sílvia Maciel (Dra.), com o apoio da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia de Pernambuco (FACEPE) – integraram o projeto, visando aprimorar seu conteúdo e ampliar as perspectivas de atuação para outros Estados do país.

O projeto, agora denominado **Projeto Pela Primeira Infância**, é um conjunto de ações de pesquisa e de formação de profissionais da Educação Infantil. Ele foi criado tendo por base o fato, já apontado por diversas pesquisas, de que as principais demandas formativas dos profissionais da educação infantil se referem à sua necessidade de uma compreensão, mais adequada e abrangente, das teorias e das bases do desenvolvimento cognitivo, socioafetivo e comportamental da criança.

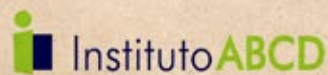
Além disso, também é consenso na comunidade científica, o reconhecimento da importância de uma intervenção adequada na primeira infância (inclusive no ambiente escolar) para um desenvolvimento infantil pleno e saudável.

Assim, faz parte do Projeto Pela Primeira Infância, um ciclo de debates teóricos intitulado: “Formação continuada em Desenvolvimento Infantil, com base nas neurociências, para profissionais da Educação Infantil” – constituído por 10 encontros, nos quais há a disponibilização de material apostilado. Após a participação em todo o ciclo de debates, são desenvolvidas discussões práticas para a implementação de estratégias de estimulação do desenvolvimento da criança na primeira infância.

Nós acreditamos que um programa desta natureza deve incluir material estruturado e formação continuada, com intenso diálogo com aqueles envolvidos com a criança (famílias, comunidades, profissionais da educação e da saúde).



Apoio:



Realização:

